

“Quem é o Meu Próximo?” Alguns Pensamentos Sobre Racismo e Nacionalismo

Elias Brasil de Souza

Racismo e nacionalismo permanecem como desafios cruciais em nosso mundo contemporâneo. Cobertura da mídia, ações governamentais, e estudos acadêmicos têm chamado a atenção para o persistente mal dos preconceitos raciais, étnicos, e nacionalistas em diferentes partes do mundo.¹ Infelizmente, estes problemas podem afetar igreja também e anular seu privilégio de ser o sal da terra. O presente ensaio trata do problema do racismo e nacionalismo de uma perspectiva bíblica, e oferece alguns princípios para lidar com estes desafios.

A princípio, é conveniente estabelecer como raça e nação são costumeiramente definidas. Embora definições precisas destes termos estejam carregadas de dificuldades, alguns breves comentários estão na sequência. Uma fonte define raça como um “grupo ou categoria de pessoas ligadas por uma origem comum.”² Outra reconhece que o conceito de raça poderia incluir algumas diferenças físicas que podem distinguir um grupo de pessoas de outro, mas esclarece que o conhecimento científico tem estabelecido “que as diversidades reconhecidas nos seres humanos não são fundamentadas sobre uma definição biológica de raça.”³ Na verdade, esta afirmação encontra clara corroboração no fato que “todos os grupos humanos partilham o mesmo tipo de sangue, são inter-férteis e podem receber e doar órgãos através das assim chamadas fronteiras raciais.”⁴ Como usadas neste ensaio, raça e etnicidade⁵ são virtualmente sinônimas, e a última, em termos de povos antigos, poderia ser minimamente definida “como identidade de grupo.”⁶

Semelhantemente, o conceito de nação tem sido definido como um “um extenso grupo de pessoas ligadas por descendente, história, cultura, ou língua comum habitando um país ou território particular.”⁷ Destes dois conceitos deriva os termos “racismo” e “nacionalismo.” Racismo “na verdade designa duas coisas muito diferentes. Por um lado, é uma questão de comportamento, usualmente uma manifestação de ódio ou desprezo por indivíduos que possuem características físicas bem definidas diferentes das suas; por outro lado, é uma questão de ideologia, uma doutrina a respeito das raças humanas.”⁸ Nacionalismo, por sua vez, pode ser definido como “um senso de solidariedade coletiva dentro de fronteiras geográficas e culturais identificadas,”⁹ embora frequentemente ele possa se desenvolver para uma ideologia exclusivista tanto quanto ela postula a superioridade de uma nação ou grupo de pessoas sobre outros. Para nossos propósitos, nacionalismo, racismo, e mesmo tribalismo são aceitos como elementos de um único problema: a dificuldade dos humanos em aceitar o “outro” étnico ou cultural. Nenhuma tentativa é feita em precisão absoluta no uso destes três termos desde que, neste estudo, o que é atribuído a um pode ser aplicado a todos eles.

Nossa consideração deste tópico está dividida em quatro seções principais. A primeira seção trata dos conceitos de raça e nação na Bíblia; a segunda oferece uma reflexão teológica sobre diversidades étnicas; a terceira enfoca respostas bíblicas ao racismo e nacionalismo. Na quarta seção resumiremos estas reflexões e ofereceremos algumas sugestões.

Raça e Nação na Bíblia

Deve-se ser cuidadoso para não impor preocupações contemporâneas sobre as Escrituras. Afinal, noções modernas de racismo ou nacionalismo eram estranhas para os escritores bíblicos; não obstante, o senso de nacionalismo ou racismo de algumas culturas vendo a si mesmas como superiores certamente era uma questão nos tempos bíblicos. Para os Gregos, estrangeiros não familiarizados com a língua e cultura Gregas eram bárbaros; para os Judeus, os não-Judeus eram Gentios (i.e., pagãos).¹⁰ Em adição, frequentemente a Bíblia indica a diversidade de povos e nações que habitavam a terra. Uma pesquisa num site eletrônico produziu 1972 ocorrências de designações étnicas no Velho Testamento,¹¹ expressas por nomes gentílicos tais como Egípcios, Cusitas, Filisteus, Assírios etc. Similarmente, o Novo Testamento também contém uma variedade de termos indicando afiliações étnicas, nacionais ou raciais. A lista de

peregrinos presentes em Jerusalém no Pentecoste pode ser ilustrativa: Partos, Medos, Elamitas etc. (At 2:9). Desse modo se torna aparente que a Bíblia tem muito a dizer a respeito de raças e nações.

Termos comuns usados no Velho Testamento para comunicar a ideia de raça ou etnia são *gôy* (555 vezes) e *'am* (1866 vezes). Apesar de considerável sobreposição, *gôy* designa nações e povos como entidades políticas e sociais, enquanto que *'am* enfatiza parentesco e mais frequentemente se refere a Israel como povo de Deus. A palavra *lê'ôm* (31 vezes) frequentemente ocorre em paralelo com *gôy* na literatura profética e nos Salmos.¹² Ocorrendo tanto no Hebraico como no Aramaico, o termo *'ummâ* (7 vezes) significa “nação,” “tribo,” “povo.” As palavras *šēbet* (190 vezes) e *matteh* (252 vezes) podem designar “tribo” enquanto que *mišpāhâ* (303 vezes) indica a subdivisão de uma tribo e é na maioria das vezes traduzida como “família.” O Novo Testamento, por sua vez, usa *ethnos* (164 vezes) e *laos* (143 vezes) para denotar povo ou nação. No uso real, entretanto, *ethnos* se refere mais a nações, Gentios, descrentes, e até mesmo a Cristãos Gentios não-Israelitas,¹³ enquanto que *laos* tende a designar o povo de Deus,¹⁴ muito semelhante a *'am* no Velho Testamento. Algumas vezes o plural *laoi* ocorre em paralelo com *ethnos* como uma referência “ao todo da humanidade.”¹⁵ Dois outros termos podem também ser observados. Um é *phylē* (31 vezes), que significa “raça,” “tribo” e pode se referir às doze tribos de Israel (historicamente, ou metaforicamente aos Cristãos) ou às tribos da terra, no sentido de povos e nações.¹⁶ A outra é *genos* (21 vezes), que comunica a noção de “família,” “país,” entre outras, e portanto pode ter conotações étnicas. Para concluir, deveríamos observar as palavras *barbaros* (6 vezes) and *ethnikos* (2 vezes); a primeira designa aqueles de raça não-Grega¹⁷ e a última designa Gentios em contraste com os descendentes de Abraão.¹⁸

Tendo considerado alguns dados linguísticos, voltemo-nos para a assim chamada Lista das Nações (Gn 10), que prove um sumário geral dos povos e grupos étnicos dos períodos primitivos da história do mundo. Um exame mais cuidadoso desta lista indica que a variedade de nações e povos forma o pano de fundo para as promessas subsequentes que as nações da terra seriam abençoadas.¹⁹ O desejo de uma diversidade de grupos étnicos e nações parece estar implícito na ordem “enchei a terra” (Gn 9:2).²⁰ Isto pode explicar parcialmente porque os construtores de Babel enfrentaram o julgamento de Deus (Gn 11:1–9): eles resistiram a ordem divina para encher a terra.²¹ Ao confundir sua linguagem e ao espalha-los sobre a face da terra, Deus trouxe a diversidade de famílias, nações, e grupos étnicos que eventualmente encheram a terra. Subsequentemente, Deus chamou Abrão para ser uma bênção a “todas as famílias da terra” (Gn 12:3).

Um aspecto interessante do plano soberano e inclusivo de Deus para o mundo inteiro também deveria ser mencionado: Deus distribuiu terra não apenas para Israel, mas também para as outras nações. Ele deu posses a Esaú (Dt 2:5) e aos Amonitas (Dt 2:19). Um oráculo profético transmitido por Amós reivindica que o Senhor atuou no interesse de outras nações de maneiras que se assemelham ao evento do Êxodo: Ele trouxe os Filisteus de Caftor e os Sírios de Quir (Am 9:7). Deuteronômio 32:8 além disso acrescenta, “Quando o Altíssimo dividiu Sua herança para as nações, quando Ele separou os filhos de Adão, Ele estabeleceu as fronteiras dos povos, de acordo com o número dos filhos de Israel.” Os profetas clássicos previram um tempo quando as nações viriam a Jerusalém para adorar o Senhor e aprender Suas leis (e.g., Jr 50:5; Zc 8:21–23; 14:16–21).

Reconhecidamente, o Velho Testamento também contém oráculos de julgamento contra as nações.²² De fato, Israel e Judá frequentemente receberam os julgamentos mais duros (see, e.g., Am 7:8, 15; 8:2). As nações não são julgadas por causa de sua “diversidade,” mas sobre a base da lealdade ao concerto eterno de Deus.²³ Em nenhum lugar na Bíblia identidades nacional, racial ou étnica recebe uma avaliação negativa.²⁴ A escolha de Abrão e seus descendentes para se tornarem o povo especial de Deus não aconteceu em detrimento para as nações, como observado acima. Contra tudo o que poderia acontecer (Dt 7:7; 26:5), Abrão, e posteriormente Israel, recebeu a missão de se tornar uma bênção para todas as famílias da terra.

Reflexões Teológicas Sobre Diversidade Étnica

Como observado acima, a Bíblia não menciona raças, nações, e grupos étnicos; ela também retrata a Deus como ativamente envolvido em favor das nações e famílias da terra como o plano da salvação

revela. De fato, o texto bíblico oferece princípios e orientações para enfrentarmos os desafios apresentados pelo racismo e nacionalismo.

Primeiro, começamos com o princípio mais fundamental sobre o qual todo o empreendimento da teologia bíblica permanece ou cai: a premissa teológica que parte da causa que Deus criou a humanidade. Como Paulo lembrou os Atenenses, Deus “fez de um sangue todas as nações dos homens para habitarem sobre toda a face da terra, e tem determinado seus tempos predeterminados e as fronteiras de suas habitações” (At 17:26). Reconhecendo a unidade da raça humana, Paulo do mesmo modo faz referência ao relato da Criação (Gn 1, 2) e possivelmente à Lista das Nações (Gn 10).²⁵ Sobre as bases da Criação, não existe lugar para superioridade de um grupo sobre outro desde que a “doutrina da criação ratifica a unidade bem como a dignidade de toda a humanidade.”²⁶ Além da variedade e diversidade das culturas humanas, sociedades, raças, e nacionalidades, permanece o fato que todas foram criadas à imagem de Deus. No final das contas, “não existe múltiplas raças humanas, mas apenas uma raça humana.”²⁷

Segundo, como Escrituras deixam claro, a queda não afetou apenas o relacionamento entre os humanos e Deus; ela também fincou uma cunha entre os humanos e seus semelhantes (Rm 3:23). Quando os grupos de pessoas diferentes se tornaram mais e mais alienados de Deus, desenvolveram cosmovisões que resultaram em racismo, nacionalismo, e etnocentrismo – consequências naturais que são opressão e destruição do “outro.” Em vez de admirar a bela tapeçaria da diversidade cultural e étnica, alguns colocam a si mesmos e sua cultura como o padrão de acordo com o qual os outros devem ser mensurados. Reivindicações tais como esta apoiam o racismo, etnocentrismo, e nacionalismo que têm prejudicado muitíssimo o povo de Deus em momentos distintos da história.

Terceiro, promessas escatológicas de Deus incluem as nações. Num retrato imponente da escatologia clássica, Isaías e Amós descrevem as nações (*gôy*) e povos (*‘ammîm*) fluindo para Jerusalém para aprender os caminhos de Deus (Is 2:1–4; Am 2:1, 2). A seguir, Isaías anuncia que Egito, Assíria, e Israel serão um, e aplica ao Egito e à Assíria a linguagem do concerto anteriormente restrita a Israel.²⁸ O Egito é chamado “meu povo” (*‘amî*),²⁹ e a Assíria, a “obra de minha mão” (*ma’seh yaday*).³⁰ Isaías 56:6 promete a incorporação do estrangeiro (*nekar*) à comunidade do concerto. O Novo Testamento do mesmo modo apresenta o evangelho sendo pregado a todas as nações (*ethnos*) da terra (Mt 13:10; 24:14; 28:19; Lc 24:47). Embora as nações possam também se tornar hostis e rejeitar a mensagem de salvação (Ap 11:18; 14:8; 17:15; 18:3), não obstante é de elas que o povo vem para o reino de Deus. Na consumação escatológica, todas as nações são representadas entre os santos (Rm 1:5, 6; Ap 15:4; 21:24) e caminham na luz que emana de Deus e do Cordeiro (Ap 21:24).

Quarto, a Bíblia reconhece e confirma a diversidade de raças e nações que povoam a terra (Gn 10:1–32; Dt 32:8), e a vinda do Espírito no Pentecoste reafirma o plano de Deus para todos os povos, línguas, e culturas (At 2). Identidades étnica, nacional, ou tribal dão um senso de parentesco e comunidade, ajudando os humanos a enfrentarem suas necessidades de segurança e pertinência. Esta espécie de diversidade também favorece a criatividade humana e estimula o enriquecimento humano.³¹ Também tem sido observado que a “multiplicidade de povos serve providencialmente para conter o orgulho e mal humanos numa escala global e tem feito isso através de toda a história. Regimes super poderosos, totalitários são restringidos e derrubados por outros povos, quer sozinhos ou em combinação, que eram ameaçados e mantidos por eles. Desse modo a etnia serve como um freio para certas formas de pecado humano e seu potencial de causar mal sem limite.”³²

Quinto, nações e grupos étnicos não são entidades absolutas. Importantes e úteis como possam ser no presente estado do mundo, as entidades antes mencionadas “são comunidades históricas e não parte da ordem criada original. Elas portanto são comunidades provisionais e contingentes que não podem reivindicar qualquer lealdade humana suprema.”³³ Além disso, entidades raciais e nacionais – tão significativas e indispensáveis como possam parecer ser – portam as consequências do pecado. A consciência desta realidade deveria motivar-nos a uma mudança do nacionalismo, tribalismo, racismo e as espécies de idolatria étnica.³⁴ A Bíblia claramente subjuga qualquer status baseado em raça ou nacionalidade ao senhorio absoluto de Jesus. Em Cristo, todas as barreiras erguidas pelo pecado são

demolidas. Como Paulo declarou: “Não há Judeu nem Grego, não há escravo nem livre, não há macho nem fêmea, porque todos vocês são um em Cristo Jesus” (Gl 3:28).³⁵

Sexto, Deus não desculpa ou tolera preconceitos raciais ou étnicos. Dois casos interessantes podem ilustrar este ponto. Um episódio que parece refletir preconceito étnico aparece no caso de Arão e Miriam contra Moisés “por causa da mulher Cusita com quem ele tinha casado; porque ele tinha casado com uma mulher Cusita” (Nm 12:1, ESV). O uso duplo da expressão “mulher Cusita” neste curto verso mostra que a identidade étnica da esposa de Moisés tinha se tornado um problema para Miriam e Arão. Pode ter sido apenas um pretexto para levantar a questão real, que era sua ambição para participar da liderança de Moisés (uma situação não incomum: uma parte interessada levanta uma desculpa étnica a fim de alcançar um alvo duvidoso). Como resposta, Deus feriu Miriam com lepra e ela se tornou “tão branca quanto a neve” (Nm 12:10). Assumindo que o termo “Cusita” indica a aparência escura da esposa de Moisés, o branqueamento da pele de Miriam seria uma resposta irônica à sua queixa. De índole semelhante, a experiência de Jonas também revela algum preconceito étnico ou nacionalistas. Depois de pregar para Nínive, o profeta aparece descontente com o sucesso de sua missão e ora para que Deus tire sua vida. Ele logo encontra sombra sob uma planta o Senhor tinha preparado; mas quando a planta é atacada por uma lagarta e murcha, o profeta novamente deseja a morte. O próprio Deus extrai a lição: Jonas tinha piedade de uma planta pela qual ele não tinha trabalhado; não deveria o Senhor ter tido piedade por Nínive, uma cidade com mais de 120.000 pessoas e também muitos animais? (Jn 4:1–10). O detalhe é claro. Deus trata todas as pessoas, nacionalidades, ou identidades étnicas da mesma maneira. Até mesmo os piores inimigos de Israel – os Assírios – tiveram uma participação no amor de Deus.

Sétimo, como acabamos de indicar, Deus não mostra parcialidade. Uma declaração tão óbvia parece não ter sido tão óbvia, nem completamente entendida pela igreja primitiva. Pedro havia recebido uma visão para que entendesse que Deus não discrimina pessoas baseado na etnia. As palavras de abertura de Pedro na casa de Cornélio foram: “Na verdade eu percebo que Deus não mostra parcialidade” (At 10:34). De maneira interessante, o verbo “perceber” neste verso denota um processo; isto é, Pedro parece admitir que não chegou a um entendimento pleno e absoluto, mas ele ainda estava no processo de compreender uma verdade tão profunda e fundamental.³⁶ Posteriormente em Atos, os líderes Cristãos tiveram que convocar um Concílio para discutirem a situação dos conversos Gentios. Depois de estudarem a Bíblia e orarem eles admitiram os conversos Gentios sem força-los a serem circuncidados e guardarem toda a lei cerimonial (At 15). Observamos que – apesar da visão dada a Pedro e da decisão do Concílio de Jerusalém – os problemas não desapareceram. Paulo constantemente teve que lidar com facções e divisões dentro da igreja, algumas das quais podem ter sido instigadas por preconceitos étnicos ou nacionalistas. Mesmo Pedro mais tarde parece voltar para seus preconceitos anteriores (Gl 2:11, 12).³⁷ Algumas cartas do Novo Testamento como Gálatas, Efésios, e Colossenses³⁸ vão a alguma extensão para dar ênfase que Judeus e Gentios são membros iguais do corpo de Cristo, indicando que questões de etnia permaneceram como um desafio para a igreja primitiva.

Respostas Bíblicas Para o Racismo e o Nacionalismo

À luz sob o que foi visto acima, deveríamos observar que distorções sérias da percepção bíblica de raça e nacionalidade ocorrem quando a identificação de alguém com sua própria nação, país, tribo, ou grupo étnico resulta em hostilidade para com outros grupos.³⁹ Num estudo criterioso, Miroslav Volf chama tal hostilidade de “exclusão” e classifica três maneiras principais nas quais esta exclusão ocorre: por eliminação, domínio, ou abandono.⁴⁰ Isto é o que acontece quando os humanos se infectam com racismo, nacionalismo, ou qualquer espécie de idolatria étnica.

Benevolência. As Escrituras substituem a eliminação por benevolência. O mandamento para “amar seu próximo” (Lv 19:18; Mc 12:31) certamente transcende barreiras tribais e nacionais e inclui o outro tribal étnico, ou nacional. Elias chega à mente neste particular visto que ele não considerou o comandante Sírio como um inimigo a ser eliminado, mas um próximo que necessitava de cura (2 Rs 5:9–19). Provérbios assume uma posição semelhante: “Se seu inimigo estiver com fome dê-lhe pão para comer; e se ele estiver com sede, dê-lhe água para beber; porque *assim* você amontoará brasa de fogo sobre sua cabeça, e o Senhor recompensará você” (Pv 25:21, 22). Paulo toma esta passagem e adiciona, “Não seja

vencido pelo mal, mas vença o mal com o bem” (Rm 12:20, 21). A benevolência “elimina” o inimigo ao torna-lo um amigo.

Serviço. Em vez de dominação, as Escrituras recomendam serviço. A legislação em favor do estrangeiro diz: “Vocês não tratarão mal um estrangeiro [*gēr*] nem o oprimirão, porque vocês foram estrangeiros na terra do Egito” (Ex 22:21). Deveríamos observar que Deus invoca a experiência de Israel no Egito como motivação para guardar a lei. Desde que o oprimido pode se tornar opressor, Deus relembra Seu povo de seu status anterior para que eles exercessem solidariedade para com o estrangeiro. Nesta conexão deveríamos lembrar que entre as nações do Antigo Oriente Próximo, Israel era singular tendo leis que exigiam a proteção dos estrangeiros (*gērîm*).⁴¹ Num tempo quando o povo Judeu gemia sob a opressão Romana, Jesus pregava que “se alguém esbofetear sua face direita, vire para ele a outra também” (Mt 5:38). Para tornar a questão ainda mais clara, Jesus adicionou, “se alguém obrigar você a ir uma milha, vá com ele duas milhas” (Mt 5:41). A última declaração, como alguns comentaristas têm indicado, provavelmente faz alusão a um “privilegio” Romano auto assegurado imposto sobre cidadãos dominados, de acordo com o qual “soldados Romanos tinham o direito legal para impor o labor, trabalho animal ou parte principal sobre os residentes locais (cf. Mc 15:21).”⁴² Esta afirmação levanta algumas questões hermenêuticas que não podem ser tratadas dentro do espaço deste breve ensaio. Deveria ser enfatizado, entretanto, que as palavras de Jesus – proferidas quando eles estavam num contexto de tirania e opressão por um inimigo estrangeiro – enfatiza a essência do princípio de serviço ao outro étnico.

Solidariedade. O abandono do outro étnico deve ser substituído pela solidariedade. Na dedicação do Templo, Salomão ora para que Deus ouça a oração do estrangeiro (1 Rs 8:41, 43), o que indica que o culto do Templo deveria incluir estrangeiros – não exclui-los, como aconteceu mais tarde quando o serviço do Templo se tornou um símbolo de exclusão para os Gentios.⁴⁴ Como a história revela, a parábola do Bom Samaritano – o outro étnico – que, contrário às expectativas da audiência original, traz cura para a vítima que está sofrendo. Esta parábola tem sido classificada como uma “história exemplo”⁴⁵ porque, em contraste com outras parábolas, ela retrata um exemplo, um modelo, para ser rejeitado ou imitado. Ironicamente, o modelo positivo não é dado pelo sacerdote nem o Levita – funcionários do Templo – mas pelo estrangeiro. Foi o Samaritano quem esboçou a maneira de Deus de lidar com o outro étnico (Lc 10:29–37).

Quando nos relacionamos com o nosso próximo étnico, as Escrituras nos compelem a exemplificar uma atitude de aceitação, serviço, e solidariedade. Isto, de fato, é mais fácil dizer do que fazer. Purificação étnica e conflitos relacionados à raça deixaram uma mancha de sangue no vigésimo século (e sobre a história humana, no que diz respeito ao assunto).⁴⁶ Atos horrendos perpetrados por uma entidade étnica contra outra ainda podem machucar, como a perda de povos, culturas, e propriedades ainda podem permanecer na memória coletiva de nações ou tribos; não deveríamos minimizar a profundidade de tal sofrimento. Deveríamos lembrar, entretanto, que a graça e o perdão permanecem como as únicas opções viáveis para a cura e restauração permanentes.

Através do batismo, os crentes se unem a uma comunidade mundial de irmãos e irmãs que relativiza as lealdades étnica e nacional. Tão relevantes e importantes como estes laços terrenos possam ser, não deveria ser permitido que eles rompessem os laços que nos ligam a Cristo e a nossos semelhantes que partilham a mesma fé. Como as palavras de Cristo bem expressam: “Seguramente, Eu digo a vocês, não existe ninguém que tenha deixado casa ou irmãos ou irmãs ou pai ou mãe ou esposa ou filhos ou terras, por Minha causa ou do evangelho, que não receberá centuplicadamente agora neste tempo – casas e irmãos e irmãs e mães e filhos e terras, com perseguições – e na era por vir, a vida eterna. Mas muitos que são primeiros serão últimos, e o último primeiro” (Mc 10:29–31).

Considerações Finais

Como observado acima, a Bíblia confirma a diversidade de raças e nações junto com a convicção que todas as raças, grupos étnicos, e nações são uma e a mesma família humana. Sobre este fundamento teológico a Bíblia constrói sua percepção de nações e grupos étnicos. Este princípio teológico relativiza distinções tribais e nacionais. Acima destas lealdades humanas permanece a lealdade absoluta que devemos ao Deus Criador, que exige que amemos o irmão ou irmã estrangeiros. Portanto, qualquer manifestação de racismo, etnocentrismo, nacionalismo, ou tribalismo não apenas não é aceitável de um

ponto de vista humanitário, mas também de uma perspectiva bíblica ou teológica. Admitidamente, os Cristãos algumas vezes têm sido incapazes de resistir a fascinação da idolatria étnica e nacionalista.

Apenas uma cosmovisão moldada pelas Escrituras pode prover o fundamento sólido para a aproximação de raça, etnia, e nacionalidade sobre uma base prática. Como a Bíblia deixa claro desde o “início,” a Criação prove o fundamento para basearmos nosso relacionamento com o próximo estrangeiro. Em adição, as Escrituras revelam que o pecado distorceu nossa percepção do outro. O racismo e formas relacionadas de preconceito têm infectado a natureza humana e pode ser erradicada somente pelo sangue de Jesus. Quando levamos nossas congregações e instituições a viver e pregar o evangelho, devemos sempre lembrar aos outros e a nós mesmos que “não existe Grego e Judeu, circunciso ou incircunciso, bárbaro, Cita, escravo, livre; mas Cristo é tudo, e em todos” (Cl 3:11).

Elias Brasil de Souza é diretor do Biblical Research Institute

¹ Veja, e.g., Les Back e John Solomos, eds. *Theories of Race and Racism: A Reader*, Routledge Student Readers (London: Routledge, 2000); Wendy Kline, *Building a Better Race: Gender, Sexuality, and Eugenics from the Turn of the Century to the Baby Boom* (Berkeley, NY: University of California Press, 2001); James W. Perkinson, *White Theology: Outing Supremacy in Modernity, Black Religion, Womanist Thought, Social Justice* (New York, NY: Palgrave Macmillan, 2004); John Downing and Charles Husband, *Representing Race: Racisms, Ethnicities and Media* (London: SAGE, 2005); Glenda MacNaughton and Karina Davis, eds. “Race” and *Early Childhood Education: An International Approach to Identity, Politics, and Pedagogy, Critical Cultural Studies of Childhood* (New York, NY: Palgrave Macmillan, 2009); Steven Leonard Jacobs, ed., *Confronting Genocide: Judaism, Christianity, Islam* (Lanham, MD: Lexington Books, 2009).

² Ernest Cashmore, Michael Banton, and Heribert Adam, *Dictionary of Race and Ethnic Relations*, 3rd ed. (London: Routledge, 1994), 294.

³ Robert Miles, “Nationalism” em Guido Bolaffi, Raffaele Bracalenti, Peter Braham e Sandro Gindro, eds. *Dictionary of Race, Ethnicity and Culture* (London: SAGE Publications, 2003), 240.

⁴ J. Andrew Kirk, “Race, Class, Caste and the Bible,” *Themelios* 10:2 (1985):7.

⁵ Devido ao uso da palavra “raça” com um sentido biológico em ideologias eugênicas e racista, os eruditos tendem a abandonar esta palavra em favor do termo “etnia,” no qual cultura, não biologia, era a categoria primária para distinguir grupos de pessoas. Eric D. Barreto, “Ethnic Negotiations: The Function of Race and Ethnicity in Acts 16” (Ph.D. dissertation, Emory University, 2010), 38–41.

⁶ Ann E. Killebrew, *Biblical Peoples and Ethnicity: An Archaeological Study of Egyptians, Canaanites, Philistines, and Early Israel, 1300-1100 B.C.E.* (Leiden: Brill, 2005), 8.

⁷ Catherine Soanes e Angus Stevenson, *Concise Oxford English Dictionary* (Oxford: Oxford University Press, 2004).

⁸ Tzvetan Todorov “Race And Racism,” em Les Back e John Solomos, eds. *Theories of Race and Racism: A Reader* (London: Routledge, 2000), 64-70.

⁹ Cashmore, Banton, and Adam, 254.

¹⁰ Dennis L. Okholm, *The Gospel in Black and White: Theological Resources for Racial Reconciliation* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1997), 118.

¹¹ Anderson-Forbes Phrase Marker Analysis, *Logos Bible Software*.

¹² Duane L. Christensen, “Nations,” ed. David Noel Freedman, *The Anchor Bible Dictionary* (New York, NY: Doubleday, 1992), 4:1037.

¹³ William Arndt, Frederick W. Danker, and Walter Bauer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature* (Chicago, IL: University of Chicago Press, 2000), 276.

¹⁴ Arndt, Danker, and Bauer, 586.

¹⁵ H. Bietenhard, “Λαός,” ed. Lothar Coenen, Erich Beyreuther, e Hans Bietenhard, *New International Dictionary of New Testament Theology* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1986), 799. Veja, e.g., Lc 2:31; Rm 15:11.

¹⁶ N. Hillyer, “Tribe,” Colin Brown, ed. *New International Dictionary of New Testament Theology* (Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1986), 871.

¹⁷ Veja Hans Windisch, “βάρβρος,” Gerhard Kittel, Geoffrey W. Bromiley, e Gerhard Friedrich, eds. *Theological Dictionary of the New Testament* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1964), 1:546–553.

¹⁸ Arndt, Danker, e Bauer, 276.

¹⁹ J. Daniel Hays, *From Every People and Nation: A Biblical Theology of Race* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2003), 56–60. Cf. Frank Crüsemann, “Human Solidarity and Ethnic Identity: Israel’s Self-Definition in the Genealogical System of Genesis,” in Mark G. Brett, ed. *Ethnicity and the Bible* (Leiden: Brill, 1996), 197–214.

²⁰ A menos que indicado de outra maneira, citações das Escrituras são da New King James Version.

²¹ Veja Ellen G. White, *Patriarcas and Profetas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), 118, 119.

²² Contra Christensen, que declara que, “particularmente dentro da literatura profética, existem passagens que expressam o estreito interesse próprio e até mesmo o ódio pelos inimigos de Israel entre as nações” (4:1037).

- ²³ Jon D. Levenson, “The Universal Horizon of Biblical Particularism,” em Mark G. Brett, ed. *Ethnicity and the Bible* (Leiden: Brill, 1996), 147. Veja Reinaldo W. Siqueira, “The Presence of the Covenant Motif in Amos 1:2–2:16” (Ph.D. dissertation, Andrews University, 1996).
- ²⁴ No caso de algumas imagens negativas dos Cusitas, deve ser observado que estas são motivadas por eventos históricos particulares, não por uma “ideologia racista.” Veja Rodney Steven Sadler Jr., *Can a Cushite Change His Skin?: An Examination of Race, Ethnicity, and Othering in the Hebrew Bible* (London; New York: T&T Clark, 2005), 148.
- ²⁵ Veja Hays, 56–60. Cf. Frank Crüsemann, “Human Solidarity and Ethnic Identity: Israel’s Self-Definition in the Genealogical System of Genesis,” in Mark G. Brett, ed. *Ethnicity and the Bible* (Leiden: Brill, 1996), 192, 193.
- ²⁶ Keith Ferdinando, “The Ethnic Enemy—No Greek or Jew ... Barbarian, Scythian: The Gospel and Ethnic Difference,” *Themelios*, No. 2, September 2008 33 (2008):57.
- ²⁷ Ferdinando, 57.
- ²⁸ John N. Oswalt, *The Book of Isaiah, Chapters 1–39* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1986), 381.
- ²⁹ Veja Is 10:24; 43:6, 7; Os 1:10; 2:23; Jr 11:4.
- ³⁰ Veja Is 60:21; 64:8; Sl 119:73; 138:8.
- ³¹ Ferdinando, 58.
- ³² *Ibid.*, 59.
- ³³ William Storrar, “‘Vertigo’ or ‘Imago’? Nations in the Divine Economy,” *Themelios*, No. 3, April 1996 21 (1996):4.
- ³⁴ Ferdinando, 58.
- ³⁵ Esta declaração impetuosa não oblitera as funções e distinções de gênero (macho e fêmea) estabelecidos na Criação; em vez disso, ela confirma a restauração da Criação de Deus através da obra salvífica de Jesus. Em outras palavras, esta passagem “não reivindica que masculinidade e feminilidade são irrelevantes em todos os aspectos.” (Thomas R. Schreiner, *Galatians* [Grand Rapids, MI: Zondervan, 2010], 259). Cf. Dennis Ronald, *There is no Male and Female: The Fate of a Dominical Saying in Paul and Gnosticism* (Philadelphia, PA: Fortress, 1987), 130.
- ³⁶ Indicado pelo tempo presente do verbo Grego *katalambanomai* (“perceber”), como observado por Dennis L. Okholm, *The Gospel in Black and White: Theological Resources for Racial Reconciliation* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1997), 139.
- ³⁷ Esse incidente relatado em Gálatas 2 é posterior a Atos 15, o Concílio de Jerusalém, e é confirmado por Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), 197–198. Veja Herman N. Ridderbos, *The Epistle of Paul to the Churches of Galatia* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1953), 75–97.
- ³⁸ Veja John M.G. Barclay, “‘Neither Jew Nor Greek’: Multiculturalism and the New Perspective on Paul,” in *Ethnicity and the Bible*, 197–214; Hays, 181–193.
- ³⁹ Ferdinando, 59.
- ⁴⁰ Miroslav Volf, *Exclusion and Embrace: A Theological Exploration of Identity, Otherness, and Reconciliation* (Nashville, TN: Abingdon Press, 1996), 75. Veja um sumário útil em Ferdinando, 59.
- ⁴¹ Veja R. J. D. Knauth, “Alien, Foreign Resident,” em T. Desmond Alexander and David W. Baker, eds. *Dictionary of the Old Testament: Pentateuch* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2003), 24–33.
- ⁴² Craig S. Keener, *The IVP Bible Background Commentary: New Testament* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1993), 60.
- ⁴³ Craig S. Keener, “The Gospel & Racial Reconciliation,” em Dennis L. Okholm, ed. *The Gospel in Black and White: Theological Resources for Racial Reconciliation* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1997), 117–130.
- ⁴⁴ David G. Benner e Peter C. Hill, eds. *Baker Encyclopedia of Psychology & Counseling*, Baker Reference Library (Grand Rapids, MI: Baker Books, 1999), 896.
- ⁴⁵ K. R. Snodgrass, “Parable,” ed. Joel B. Green and Scot McKnight, *Dictionary of Jesus and the Gospels* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1992), 593.
- ⁴⁶ Veja, e.g., Longman, Weitz, Eric D. *A Century of Genocide: Utopias of Race and Nation*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2003).